



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA

Projeto de Monografia

**DESIGUALDADE SOB O *RED SCARE*: UM ESTUDO DOS
CONDICIONANTES GEOPOLÍTICOS E INSTITUCIONAIS DA
DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NOS PAÍSES CENTRAIS**

LORENA SALCES DOURADO

RA: 182214

ORIENTADOR: Me. GABRIEL PETRINI DA SILVEIRA

SUPERVISOR: Prof. Dr. LUCAS AZEREDO TEIXEIRA

Campinas, novembro de 2020

1. Delimitação do tema e justificativa

O debate sobre a desigualdade tem ganhado cada vez mais protagonismo na mídia, na política e na sociedade. Essa preocupação crescente com o tema se converte em agenda política¹ e em novos trabalhos acadêmicos. O estudo da desigualdade é amplo, mesmo sob o enfoque da renda, sendo dividido em distribuição funcional e pessoal da renda. Aquela diz respeito à participação dos rendimentos do trabalho e do capital na renda, e esta, que será o objeto desta pesquisa, é a desigualdade existente entre a remuneração dos trabalhadores, isto é, os salários.

O recente aumento da desigualdade de renda no mundo desenvolvido explica o renovado interesse no tópico. No entanto, estudos indicam que no período do imediato pós-guerra - até os anos 80 - o quadro era outro: baixos níveis de desigualdade *pari passu* a redução da concentração de renda nas mãos do 1% mais ricos². É partindo dessa tendência de menor desigualdade que reside, portanto, o recorte (temporal?) da monografia, através da análise dos países desenvolvidos da OCDE nos anos após a Segunda Guerra Mundial até o fim da década 1980.

¹O ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e a então diretora do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, declararam que a redução da desigualdade é uma prioridade. Também é um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda ONU 2030, além de estar na pauta de diversos programas políticos.

²Alvaredo, F., Atkinson, A. B., Piketty, T., & Saez, E. (2013).

Alvaredo et al. (2013) investigam a trajetória da parcela da renda no top 1% sob uma perspectiva histórica e comparativa, tendo como enfoque os países da OCDE. Através de uma base de dados ampla de distribuição de renda, que vai do século XX ao XXI, os autores percebem dois movimentos centrais: a queda sustentada da concentração da renda no top 1% durante o pós-guerra (1945-1989) e, depois, uma tendência de crescimento desta concentração até os dias atuais.

Todavia, é importante ressaltar que esse crescimento da desigualdade de renda não foi uniforme entre o mundo desenvolvido. Algumas economias diferem em relação a sua velocidade e intensidade. Nos EUA, a parcela de renda do top 1% mais que dobrou nos últimos 30 anos, enquanto em países como Japão, França ou Alemanha, o aumento visto foi muito menor. Em uma primeira aproximação, buscar atribuir essa diferença ao impacto das novas tecnologias e da globalização sobre a oferta e demanda por competências mostra-se inconclusivo, já que tais países possuem desenvolvimentos tecnológicos e produtivos semelhantes. Aí reside a importância de se analisar fatores de outra natureza, como explicam os autores:

Para nós, o fato de os países de alta renda com desenvolvimentos tecnológicos e produtivos semelhantes terem passado por diferentes padrões de desigualdade de renda no topo apoia a visão de que **as diferenças institucionais e de política desempenham um papel fundamental nessas transformações**. Histórias puramente tecnológicas baseadas unicamente na oferta e demanda de habilidades dificilmente podem explicar tais padrões divergentes. (Alvaredo et al, 2013) [grifos meus]

Assim, a fim de melhor compreender os fatores que levaram a um crescimento da desigualdade de renda a partir dos anos 80, é preciso lançar os olhos para o momento anterior, e situar em quais circunstâncias foi possível atingir níveis satisfatórios de distribuição de renda nos países desenvolvidos. Desta forma, investigar os elementos históricos-institucionais no período do pós-guerra nas economias centrais³, pode lançar luz à compreensão da concentração de renda nos dias atuais. (parágrafo da justificativa, antes é delimitação do tema)

Quando Atkinson (2016) se refere à diminuição da desigualdade geral neste período, ele pontua que “as circunstâncias da época eram diferentes, mas a experiência do pós-guerra oferece lições valiosas para nós hoje em dia”.

2. Revisão bibliográfica

O início do século XX é marcado por uma memória vívida de destruição social, instabilidade econômica e convulsões políticas. A relativa estabilidade vivida pelo mundo durante a Pax Britannica (1815-1914) se transforma na “Era de Guerra Total”. Como ressalta o célebre historiador Hobsbawm (1994), “a Primeira Guerra Mundial não resolveu nada. As esperanças que gerou (...) logo

³EUA e países da OCDE

foram frustradas. O passado estava fora de alcance, o futuro fora adiado, o presente era amargo”.

No plano econômico, o cenário era desfavorável. Além dos impactos mundiais da Grande Depressão de 1929, marcas profundas deixadas pela Guerra nas sociedades europeias se manifestaram; na Alemanha, a hiperinflação, na França crises cambiais, na Inglaterra alto desemprego e arrochos salariais. Na política, o surgimento de um conflito muito peculiar entre duas grandes potências militares (e nucleares): a Guerra Fria.

A história desse período foi condicionada pelo constante confronto geopolítico das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial, a URSS e os EUA - conflito que dominou o cenário internacional da segunda metade do Século XX.

A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência — a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra — e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética. (Hobsbawm, 1995)

Entre março e julho de 1947, a Doutrina Truman – cujo principal objetivo era o de deter o avanço da “ameaça comunista” – foi entronizada na diplomacia norte-americana, e o Plano Marshall anunciado. Na sequência, Stalin cria o Cominform⁴ e estreita o controle sobre o leste Europeu. Em 1948, Inglaterra, França, Holanda, Bélgica e Luxemburgo, receosos da escalada comunista, assinaram o Tratado de Bruxelas. Um ano depois, o Tratado do Atlântico Norte⁵ é assinado. Nascia e alastrava-se, então, o *Red Scare*. O comunismo passa, portanto, a se tornar uma referência permanente na vida das nações (Mazzucchelli, 2014).

Junto a esse novo medo, há outro aspecto que merece consideração, como destacado por Mazzucchelli (2008):

A emergência do comunismo no plano internacional veio ao encontro de uma tendência que se tornou inexorável com o próprio curso da guerra: **a participação das massas na cena política (...)**. A dedicação de toda a sociedade a uma causa nacional por cinco longos

⁴Organização internacional liderada pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS), cujo objetivo era promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos vários partidos comunistas da Europa. De fato, servia como instrumento de política externa da URSS.

⁵A organização instaurada com o tratado (OTAN), constitui um sistema de defesa coletiva através do qual os seus Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

anos alterou profundamente o sentido da política. [grifo meu]

Essa mudança de cena **traz trás** consigo a “desindividualização” do desemprego, momento em que este deixa de ser visto como um fenômeno individual, de má sorte ou falta de qualificação, e passa a ser considerado responsabilidade do Governo, que deverá ter como pauta política a preservação de níveis satisfatórios de emprego. O surgimento das reivindicações das massas assalariadas no cenário político alterará a correlação de forças entre Estado, mercado e sociedade e a decorrente *convenção social* que será vista no período pós-guerra.

Fato é que, pelo menos entre as economias capitalistas, o consenso era de paz. A Conferência de Bretton Woods é realizada sob esse *espírito de conciliação*, em que há uma necessidade explícita de reorganização do mundo capitalista de modo a tomar distância dos acontecimentos que marcaram a primeira metade do século XX. É essencial atentar para a “articulação inegavelmente favorável que se forjou entre a ordem monetária e financeira internacional e a estruturação dos sistemas domésticos de crédito” (Mazzucchelli, 2014).

A criação de instituições supranacionais, como o FMI e o Banco Mundial, possibilitou a expansão do comércio internacional; e o controle dos fluxos de capital evitava a ocorrência de movimentos especulativos desestabilizadores, à maneira dos episódios assistidos nos anos 1920s e 1930s. Sob esta situação de estabilidade cambial e liberalismo comercial, o mundo capitalista se encaminha para a *Golden Age*.

Por quase três décadas, tendo a Guerra Fria como pano de fundo, o capitalismo demonstrou uma enorme capacidade de crescimento em termos mundiais. Na avaliação de **Coutinho (2001, apud Mazzucchelli, 2009):**

Houve uma extraordinária onda de progresso econômico movida pela difusão de inovações, pela massificação do consumo de bens duráveis, pelo crescimento acelerado do emprego e, ainda, pela notável expansão dos mecanismos de proteção social. Havia virtuosismo entre as esferas econômica e social.

De acordo com a categorização de Hobsbawm (1995), todos os problemas que perseguiam o capitalismo em sua Era de Catástrofe (1914 à 1948) pareceram dissolver-se na Era de Ouro (1949 à 1973). O fantasma do desemprego em massa agora havia se transformado em um cenário de praticamente pleno emprego⁶; a pobreza era esquecida pela abundância de produtos industrializados do *american way of life*; às intempéries da vida haveria o “Estado previdenciário universal e generoso pronto a oferecer-lhes proteção” (Hobsbawm, 1995).

E como figura a desigualdade de renda neste quadro de *bonanza*? A literatura aponta para um grande declínio na desigualdade geral nos países centrais nas décadas imediatamente após a guerra, medida através do Índice de Gini, e, paralelamente, a redução da parcela do centésimo superior na renda nacional.

⁶Na década de 1960, a Europa tinha uma média de 1,5% de sua força de trabalho sem emprego e o Japão 1,3% (Van der Wee, 1987, apud Hobsbawm, 1995)

Piketty, em seu livro “O capital no século XXI”, **demonstra** empiricamente esse processo, com enfoque no top 1%, como nos gráficos abaixo.

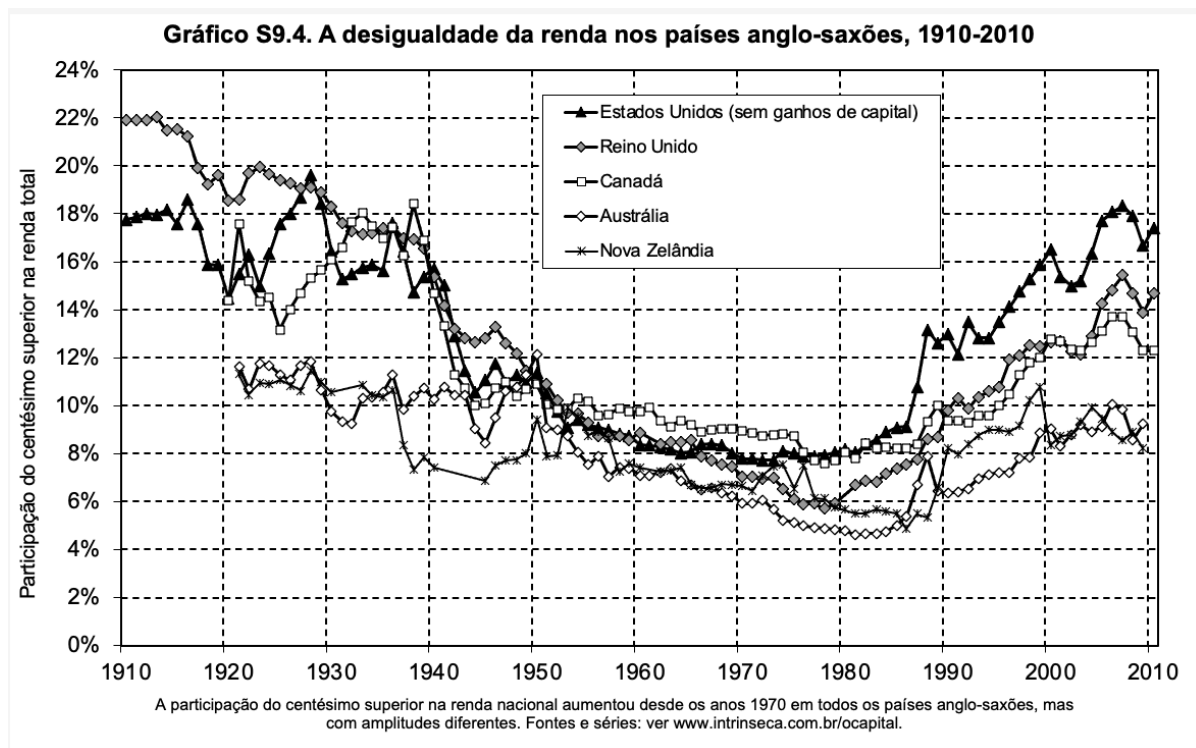
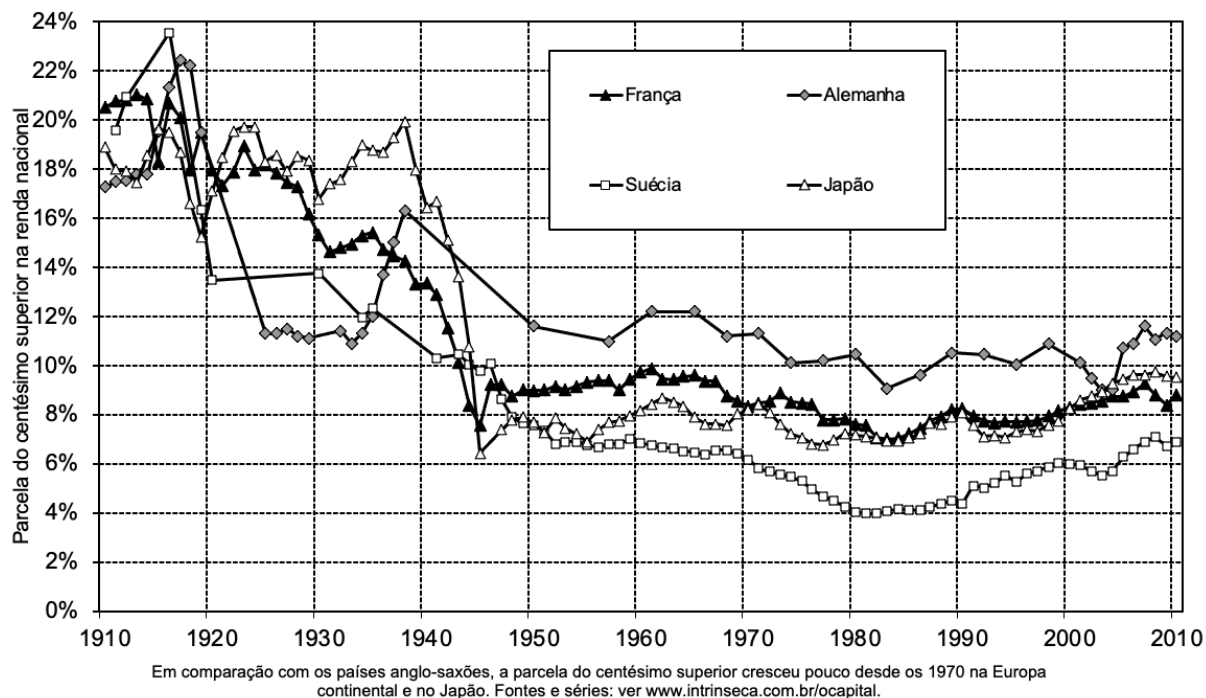


Gráfico 9.3. A desigualdade da renda: Europa continental e Japão, 1910-2010



Tanto Piketty (2014) quanto Atkinson (2016) destacam os fatores institucionais e políticos como principais motores deste processo. Por um lado, o Estado de Bem Estar Social despendia mais recursos ampliando a rede de proteção social e transferências governamentais e, pelo lado da arrecadação, havia a tributação progressiva da renda. Nos EUA, no período de 1950 e 1979, a alíquota tributária sobre a renda no topo ficava em média em 75%, enquanto nos trinta anos seguintes ficou em média em 39% (Atkinson, 2016). Ademais, outro aspecto essencial pontuado por ambos os autores é como se dava a regulamentação do mercado de trabalho naquela época, com o notório peso da barganha coletiva pelos sindicatos em prol dos trabalhadores.

Estes elementos apontam para a o papel relevante das *normas de justiça social* em vigor em cada contexto e sua íntima relação com à “história social, política e cultural específica de cada país” (Piketty, 2014). Nesse sentido, é crucial olhar para a compressão dos diferenciais salariais nas economias centrais durante as décadas que se seguiram ao pós-guerra, com lentes históricas, geopolíticas e institucionais.

3. Formulação do Problema e Hipótese (+ hipóteses)

Como destacado anteriormente, a literatura estuda os aspectos que influenciaram a concentração e distribuição de renda no período do pós-guerra, entre os países desenvolvidos. No entanto, tais estudos não avaliaram especificamente o

impacto da Guerra Fria sobre a desigualdade de renda. Consequentemente, estes autores perderam uma variável explicativa crucial em suas análises: a ascensão global do comunismo (Anna & Weller, L., 2020).

Segundo Anna & Weller (2020), a Guerra Fria criou um contexto favorável para o aparecimento de “*Estados de interesse comum*”, definidos por Besley e Person (2013, Apud Anna & Weller, L., 2020) como um consenso entre diferentes grupos de interesse que permite ao Estado aumentar a capacidade fiscal no intuito de proteger o *status quo*. Em outras palavras, (a hipótese é que:) o *Red Scare* fez com que as elites estivessem mais inclinadas a redistribuir renda através da taxação.

O famoso telegrama que George Kennan, emissário dos Estados Unidos em Moscou, enviou ao Secretário de Estado em 1946, pontua que a permanência do bloco ocidental sob a influência norteamericana em face da ameaça comunista “depende da saúde e vigor de nossa própria sociedade”, que ele define como “o espírito de comunidade de nosso próprio povo”⁷.

Diante disso, a principal hipótese a ser testada é se as elites nacionais (top 1%) dos países desenvolvidos redistribuíram renda no pós-guerra a fim de evitar a revolução comunista no contexto de Guerra Fria. O *Red Scare* representaria, então, uma força que levaria à criação de “*Estados de interesse comum*”? Para tanto, será utilizada uma variável que captura o efeito das ameaças comunistas ao redor do mundo (“Cold War Event”), formulada pelos pesquisadores Anna & Weller (2020).

4. Objetivos

O objetivo geral do projeto é investigar a relação entre a Guerra Fria e a desigualdade de renda nas economias centrais durante o período pós Segunda Guerra Mundial.

São três os objetivos específicos:

- a) Realizar um estudo da literatura de desigualdade de renda estabelecendo conexões com o contexto de ameaça comunista (*Red Scare*);
- b) Analisar em que medida elementos geopolíticos, históricos e institucionais ajudam a compreender a concentração de renda no top 1%;
- c) Examinar como o tratamento mais adequado de variáveis qualitativas pode ajudar a entender a desigualdade no imediato pós-guerra.

5. Procedimentos metodológicos (preciso desenvolver mais essa parte)

A pesquisa procura realizar uma análise comparativa dos condicionantes geopolíticos e institucionais da distribuição de renda entre países da OCDE, durante os anos de 1945 a 1989. O método de análise será o Qualitative

⁷O telegrama, conhecido como “The Long Telegram”, está disponível na íntegra em <http://www.ntanet.net/KENNAN.html>

Comparative Analysis (QCA), desenvolvido por Charles Ragin em 1987, e a manipulação dos dados será realizada através do **software R Studio**.

Este método surgiu como alternativa a técnicas qualitativas (*case-oriented*) e quantitativas tradicionais (*variable-oriented*) e "tem em vista comparar um número pequeno ou intermediário de casos, a partir de uma análise de configurações de condições dadas pela teoria (...) sem perder de vista a complexidade dos casos e as implicações teóricas dos achados" (Sandes-Freitas, V., & Bizzarro-Neto, F., 2015).

O método QCA foi inicialmente concebido como uma abordagem "macro-comparativa", porque o objeto em questão necessita de pesquisa empírica no nível "macro" de sociedades, economias, estados ou outras formações sociais e culturais complexas (Berg-Schlosser & Quenter, 1996 Apud Rihoux, B. & Ragin, C., 2009), sendo utilizado sobretudo no campo da Ciência Política (políticas comparativas) e Sociologia Histórica.

Rihoux e Ragin (2009) descrevem as principais vantagens da abordagens e, dentre elas, pode-se citar que o método (i) combina a análise quantitativa e qualitativa, (ii) é vantajoso e recomendado para pesquisas com número de casos pequeno ou intermediário, (iii) analisa as "causalidades complexas" através de uma estratégia analítica sem deixar de compreender a especificidade de cada caso ("cases as whole units") e (iv) traz a teoria a lógica booleana (teoria dos conjuntos) para a investigação social.

Assim, dada a complexidade de se analisar fatores históricos e institucionais do pós-guerra, entre uma amostra pequena de países da OCDE, o método QCA apresenta-se como um promissor tratamento de variáveis qualitativas.

As bases de dados utilizadas para as variáveis serão as da World Inequality Database (WID), Banco Mundial, FMI, OCDE, Comparative Welfare States Dataset e Luxembourg Income Study Database.

6. Plano de Redação

Introdução – objetivos, problemas e estrutura da monografia

Capítulo 1 – A desigualdade de renda – panorama teórico

1.1 – Relevância da distribuição pessoal da renda

1.2 – Determinantes teóricos da distribuição pessoal da renda

1.3 – Determinantes históricos e institucionais

1.3.1 – Hipóteses a serem testadas

Capítulo 2 – A desigualdade de renda – panorama histórico e fatos estilizados

2.1 – Guerra Fria

2.2 – Apresentação dos dados de desigualdade

2.3 – Distribuição pessoal em uma perspectiva comparada

2.3.1 – Apresentação de outros trabalhos empíricos (não entendi mto bem esta parte)

3 – Método QCA

3.1 – Apresentação e justificativa da metodologia QCA

3.2 – Adequação dos dados e da metodologia (calibragem)

3.3 – Apresentação e discussão dos resultados

Conclusão

7. Cronograma

ETAPAS DA PESQUISA	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X						
Redação do Capítulo 1		X	X							
Coleta e compilação de dados				X						
Produção de gráficos e tabelas				X						
Redação do Capítulo 2				X	X					
Leitura de textos complementares					X	X				
Adequação dos dados e calibragem						X				
Redação do Capítulo 3						X	X			
Finalização (conclusão e introdução)								X	X	
Versão final da monografia										X

8. Referências Bibliográficas

ALVAREDO, Facundo et al. The top 1 percent in international and historical perspective. **Journal of Economic perspectives**, v. 27, n. 3, p. 3-20, 2013.

ANNA, André Albuquerque Sant’; WELLER, Leonardo. The Threat of Communism during the Cold War: A Constraint to Income Inequality?. **Comparative Politics**, v. 52, n. 3, p. 359-393, 2020.

ATKINSON, Anthony B. **Desigualdade: o que pode ser feito?**. LeYa, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

MAZZUCHELLI, Frederico. **Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras**. Unesp, 2009.

MAZZUCHELLI, Frederico. Os dias de sol: a trajetória do capitalismo no pós-guerra. **Campinas: FACAMP Editora**, 2014.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Editora Intrínseca, 2014.

RIHOX, B.; RAGIN, C. Qualitative Comparative Analysis (QCA) as an Approach. In: **Configurational Comparative Methods: Qualitative**

Comparative Analysis (QCA) and Related Techniques. 2455 Teller Road, Thousand Oaks California 91320 United States: SAGE Publications, Inc., 2009.

SANDES-FREITAS, Vitor; BIZZARRO-NETO, Fernando. Qualitative Comparative Analysis (QCA): usos e aplicações do método. **Revista Política Hoje**, v. 24, n. 2, p. 103-118, 2015.